

CAFÉ COM LEITE: DEPOIMENTO

SOFIA KARAM *

[...] o gênio é somente a infância redescoberta sem limites [...]

charles baudelaire

desaprendo a andar – velhice precoce? volta à infância?

crio dependências. “mãe, leva o meu prato até a mesa”. fica bem mais difícil andar segurando alguma coisa, ainda mais com as duas mãos, impossível neste momento.

estou tão concentrada nos pés, que têm enorme dificuldade de sair do chão, se equilibrar e andar, que meu pensamento não se expande. o corpo me deixa fixa e está difícil abrir o pensamento, espaçá-lo. só penso nos pés, nos dedos que têm enorme dificuldade em segurar o lápis e que não poderiam escrever essas palavras, na minha visão dupla... é ... o pensamento está fixo no corpo desarticulado.

preciso aprender. reencontrar a poesia. abrir espaços no pensamento. nem as lembranças estão animando a mente, que anda acompanhando o degenerar do corpo.

– você que é diferente.

minha tia avó me disse numa noite chuvosa, num bar barulhento, no meio de uma conversa, em que exclamei surpresa:

* Mestre e doutora em Letras pela Puc-Rio. É autora de *Corpo em combate, cenas de uma vida* (2019) e *Carta ao [meu] pai* (2020), ambos publicados pela 7Letras.

– nossa, para a *disney* com 15 anos! eu fui para *disney* com uma excursão da escola com 9!
– não, mas ela já foi para a *disney*, três vezes.

minha tia avó estava contando que os alunos da escola de sua neta iam fazer uma viagem juntos para *disney* para comemorar o fim do ginásio.

na hora, sem pensar muito, me surpreendi e lembrei que com 15 anos estava em outro lugar, e que a *disney* era um lugar bem distante, que representava o capitalismo, o império americano e a uma certa infância.

fui para *disney* por uma contingência, aqui em casa não havia esse sonho, mas minha escola organizou uma excursão com o professor de educação física, e minha mãe devia ter um dinheiro sobrando e pensou: minha filha já está grande e nunca foi para fora do país, é uma oportunidade. do alto dos meus 9 anos, fui sozinha, com outros meninos e meninas que conheci ali nas reuniões com os pais antes da viagem. fiz uma amiga e somos amigas até hoje. conheci várias pessoas e tenho muitas lembranças. ah, eu era a mais nova do grupo. e lembro que dentre as menores, entre 10 e 12, só eu tinha nove, fui a única que ficou com o seu dinheiro, as outras meninas guardavam com o professor. um amigo da minha mãe me encorajou a comprar uma máquina fotográfica e registrar a viagem. acho que comprei uma no *free shop* de ida e mais alguns rolos de filmes, não lembro exatamente quantas poses. tirei muitas fotos, muitas com cabeças na frente do assunto, e tenho um ensaio bem bacana de fotos com minha irmã e meu primo de corumbá, já no rio de janeiro, logo que voltei.

a *disney* não era uma viagem dos sonhos. a voz da minha tia avó ecoa: *você é que é diferente.*

quando era criança, não lembro de pensar no futuro, em como seria minha vida, nem de sonhar. se sonhava era com o presente. inventava historinhas para me ocupar, mas não projetava um futuro.

mas sempre tive o desejo de estar em vários lugares, viajar e ter uma conexão com lugares diferentes no mundo, falar várias línguas e me relacionar com pessoas de mundos diferentes.

agora. eu estou caindo,
sou uma outra pessoa, cheia de lembranças. e continuo sem pensar no futuro, na
promessa degeneradora. quando criança, apesar de estar colada no presente, inebriada
com o mundo, queria ser adulta, queria crescer. hoje só desejo estar nesse presente, onde
alguns movimentos ainda são possíveis. e as paisagens... e um tanto de mundo
ainda a tocar.

... meu corpo volta à infância, desaprende a andar. mas não é a infância, como lugar de
aprendizado, de ascendência. ele não pode reaprender a andar [ou pode?]. a doença é
degenerativa. é o caminho natural das coisas, o corpo envelhece e desaprende, fica mais
fraco. e essa doença faz o corpo se desarticular, e perder todo o seu controle precocemente.

mas deve haver ainda uma possibilidade de ascendência. tem a poesia. tem o pensamento.
o que esse corpo pode poeticamente? será que ainda posso aprender coisas no meu
corpo?

meu pensamento pode vagar. pode criar um outro corpo?

por que só falar em separação?
corpo-pensamento

posso andar pela imaginação e pelas lembranças

viajo muito pelo cinema, e gosto de ver outros lugares, ouvir outras línguas.
a sala de cinema e todo o sentido do mundo, ali, pequena fui descobrindo o cinema, o
sentido junto ao sem sentido. ouço ao longe “alfredo” e a trilha sonora do filme cinema
paradiso. filme que foi uma porta, e dali se abriu uma possibilidade de identificação.
houve um primeiro alarde, um chacoalho do que seria uma paixão nos próximos anos. o
cinema era um mundo para abrir mundos.

quando era criança, o mundo adulto parecia se resumir em ter alguém que gostasse de mim, mais do que alguém que eu gostasse.

acreditava no amor romântico e desde pequena morava numa caixa e sonhava em me casar, com um homem, claro.

ontem fui à despedida da filha de uma amiga da vida toda. ela também vai para a França, mas a despedida é da filha. os convidados são umas dez crianças e suas mães, agora amigas da minha amiga. tinha um pai também. as crianças têm em torno de 10 anos. não acontece com todas as minhas amigas que são mães, mas esta, se tornou amiga de muitas mães de amigos da filha. hoje, sou a única presente que não tenho esse vínculo.

em torno daquela mesa em um quiosque na beira da praia, por onde correm e brincam as crianças, já naquela dúvida, entre o infantil e o juvenil, sou a velha amiga, sem filhos e doente, acompanhada pela minha mãe. já não saio sozinha, só ando na rua com alguém, minha mãe até poderia ter me deixado ali e ido embora, mas naquele momento precisava de alguém que estivesse 100% ao meu lado, o que não seria o caso da minha amiga da vida toda às voltas com a filha e as amigas. minha mãe tem sido minha acompanhante, até na minha solidão.

naquela mesa me sinto *café com leite*, e sei do contrassenso em dizer isso. mas sou a que não é mãe, num encontro de filhas, acompanhadas pelas mães. naquela mesa sou filha também e como uma criança preciso da companhia da minha mãe.

tenho vontade de falar sobre tudo isso com você, sobre os filmes que vejo, os livros que leio, os que quero escrever, que tenho ouvido bob marley – que nunca ouvi antes – sobre a liga dos campeões, o atlético de madrid, que o griezmann sofreu uma entorse no tornozelo no primeiro jogo contra a inter de milão, no jogo de ida das oitavas-de-final da liga dos campeões 2023/2024 no estádio *san siro* em milão, e que pode ser um desfalque no próximo jogo, de volta, no *cívitas metropolitano*, a casa do atlético de madrid. falar dessa minha nova relação com o futebol. que depois de anos em que ele só aparecia na

minha vida durante as copas [até dei o nome para um gatinho que ganhei em 1998 de denilson] ou quando me referia ou quando estava com você – que quando criança nunca me levou ao maracanã. queria contar para você que houve um clique, aconteceu depois da copa de 2022, me apaixonei. talvez tenha sido por um jogador, ainda não consigo entender. mas, mudou. sempre achei o futebol um espetáculo, uma dança de troca de passes. e quando o gol vem... e quando não sai o gol; apesar de toda a técnica, treino, talento dos jogadores, tem as surpresas da vida e tudo pode acontecer. imagino nossa conversa e digo que torci para a França na final da copa 2022, mas achei bacana também a Argentina ganhar, e o messi. mas sou francófila, você sabe, fui para Paris pela primeira vez aos 14 anos. na adolescência com Rimbaud, Baudelaire, o cinema francês, e sempre a França por perto. Jean-Luc Godard, Agnès Varda, Gilles Deleuze, Claire Denis, Leos Carax, Jean-Luc Nancy, Marguerite Duras e tantos e tantas francesas... que agora davam espaço para Antoine Griezmann, Kylian Mbappé, Eduardo Camavinga e mais tantos, num grupo só de homens.

e ainda falo que hoje acompanho o campeonato espanhol, que escolhi um time para “torcer”, o Atlético de Madrid; a minha rotina mudou, e devo ter perdido uns dois jogos do Atlético de Madrid na última temporada 2023/2024.

o futebol está chegando na minha vida. queria poder agora dividir com você. sem dúvida seria meu principal interlocutor. quando pequena víamos eventualmente algum esporte juntos, lembro das corridas, do Ayrton Senna, mas nunca fui de esporte. era das artes, da dança, com os esportes vinham as competições, que representam demais o mundo como ele é, o *status quo*, tudo o que não me interessava e que gostaria de ir contra.

não gosto de competição, que já começa com uma derrota.

mas hoje, vejo que não é só o esporte que vive de competição e que ela está por toda parte. e que a beleza do futebol vai além, apesar do mundo em que vivemos.

o futebol me aproxima de você.

converso com o meu pai

acho que ele nunca fez questão de me mostrar sua paixão pelo futebol. eu via de longe, não me lembro dele querer me levar para ver um jogo, ou querer que eu torça para o flamengo. quando falo isso, me dá uma ponta de tristeza. talvez pudesse ter sido alguma coisa a mais que nos unisse.

e me perco por aqui, pelo futebol. acordo com nomes de jogadores, vejo jogadas. só pode ser um chamado seu. uma aproximação. uma volta à infância? e lembro da fala de um personagem em um filme, criticando nossa sociedade, que não pode ser *sã*, já que é *normal* “assistir a 22 milionários correndo atrás de uma bola.”

Submetido em 02 de setembro de 2024

Aprovado em 17 de setembro de 2024

Publicado em 29 de setembro de 2024
